

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ  
CURSO DE LETRAS**

LÍDIA DE ARAÚJO LOPES

**PREPOSIÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO DE GRAMÁTICAS LATINAS  
E DE LÍNGUA PORTUGUESA.**

TEFÉ  
2023

LÍDIA DE ARAÚJO LOPES

PREPOSIÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO DE GRAMÁTICAS LATINAS E  
DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras, no Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Ozana Lima de Arruda

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pelos caminhos que percorri, dando-me a oportunidade de ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais Francisco Gerson Lopes (*in memoriam*), Catarina de Araújo Lopes e irmãos e irmãs que sempre me incentivaram a buscar conhecimento, pelo amor, pelo apoio incondicional que sempre me deram.

Ao Saul, meu companheiro e amigo, por seu incansável apoio, estando sempre a meu lado em todos os momentos que precisei. Sem seu apoio, eu não conseguiria seguir em frente.

As minhas filhas, Ana e Pâmela, que entenderam a necessidade de minha ausência.

À minha cunhada Eubia, pelo apoio, incentivo e pelos “puxões de orelha”.

Aos amigos, Maria, Maria Joelma, Valdinei e Laine, especialmente ao Roger Willy e Valdecy Patrício que estiveram ao meu lado, pela amizade e pelo apoio, pela força e cumplicidade ao longo dessa etapa em minha vida.

Ao Marcos Aurélio, pelo apoio necessário para a permanência e continuação na caminhada da graduação.

Aos mestres, Manoel Domingos de Castro Oliveira, Teresinha de Jesus de Sousa Costa, Kenedi Azevedo e Nubia Litaiff Moriz Schwamborn pelos ensinamentos, e apoio em cada etapa.

A minha orientadora Prof. Dra. Maria Ozana Lima de Arruda, obrigada por esclarecer tantas dúvidas e ser tão atenciosa e paciente durante elaboração desse artigo. Sem seus ensinamentos eu não teria conseguido, e nada que eu diga expressará minha gratidão.

Por fim, àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta etapa em minha vida.

A tudo que posso ser.

**Ante** a minha pequenez.

**Após** tudo que passei,

**até** em desistir, pensei.

**Com** garra, persisti.

**Contra** todas as adversidades,

**em** tudo me esforcei

**Para** chegar até aqui.

# PREPOSIÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO DE GRAMÁTICAS LATINAS E DE LÍNGUA PORTUGUESA

## *PREPOSITION: A COMPARATIVE STUDY OF LATIN AND PORTUGUESE GRAMMAR*

Lídia de Araújo Lopes<sup>1</sup>  
Maria Ozana Lima de Arruda<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo analisar gramáticas de língua portuguesa e latina, com a finalidade de proporcionar um estudo comparativo a respeito da classe de palavra das preposições e seu uso, tanto em uma língua quanto em outra, para que possamos estabelecer relações de proximidades e afastamento em sua evolução para a língua portuguesa do Brasil. Para isso, usou-se o método de pesquisa bibliográfica, em que se buscou por teóricos que já estudaram o tema com contribuições em livros, artigos e teses, e posteriormente a análise das gramáticas propostas por esse trabalho, a saber, a *Gramática descritiva do português brasileiro* (PERINI, 2016); *Gramática normativa da língua portuguesa* (LIMA, 2011); *Gramática histórica da língua portuguesa* (SAID ALI, 1964) e *A arte maior e arte menor* de Donato (DEZOTTI, 2011) e as artes gramaticais de Vitorino e Mário Plótió.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preposição. Gramática. Língua Portuguesa. Língua Latina.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze Portuguese and Latin language grammars, with the aim of providing a comparative study of the word class of prepositions and their use, both in one language and in another, so that we can establish relations of proximity and distance in its evolution to the Portuguese language of Brazil. For this, the bibliographic research method was used, in which theorists who had already studied the subject with contributions in books, articles and theses were searched, and later the analysis of the grammars proposed by this work, namely, the *Gramática descritiva do português brasileiro* (PERINI, 2016); *Gramática normativa da língua portuguesa* (LIMA, 2011); *Gramática histórica da língua portuguesa* (SAID ALI, 1964) and *Ars maior and minor* of Donato (DEZOTTI, 2011) and grammatical arts Vitorino and Mário Plotio.

**KEYWORDS:** Preposition. Grammar. Portuguese Language. Latin Language.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Letras – Português no Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST) na Universidade do Estado Amazonas (UEA). E-mail: lidal.let19@uea.edu.br

<sup>2</sup>Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Docente do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: mlarruda@uea.edu.br.

## INTRODUÇÃO

O latim nasceu na Itália, numa região chamada Lácio, pequeno distrito à margem do rio Tibre. Ao longo da sua expansão, o domínio romano chega à Península Ibérica, onde habitavam numerosos povos que apresentavam línguas e culturas bastante diversificadas. Os romanos, por sua vez, implantaram habilmente sua civilização na região, modificando o menos possível as unidades territoriais que encontravam. Além de implantarem o serviço militar, construírem escolas, organizarem o comércio e serviço de correios, dominaram o território a ponto de imporem o latim como idioma oficial nas transações comerciais e nos atos oficiais. Dessa forma, a língua e os costumes romanos foram progressivamente assimilados, ao passo que a Península Ibérica chegou ao século V d. C. completamente romanizada. Ou seja, politicamente pertencendo ao Império Romano e linguisticamente falando a língua de Roma, o Latim.

A Península Ibérica está localizada na região sudoeste do continente europeu. É formada por alguns países como Espanha, Portugal, Andorra, uma parte do território da França e do território britânico de Gibraltar. Antes da romanização da Península em 218 a.C., estima-se que seus habitantes primários eram os iberos. Com a chegada dos romanos houve o processo de ocupação das terras, na qual foram formadas três províncias: Lusitânia, Hispânica Bética e Hispânica Terraconense (TEYSSIER, 2007).

A língua portuguesa faz parte do tronco das línguas indo-europeias, e descende do latim. E em razão de diversos acontecimentos ao longo da história, sofreu influência (além dos idiomas falados pelos povos que viviam na península ibérica) de idiomas dos povos germânicos e árabes (CUNHA e CINTRA, 2016). Com a colonização do Brasil por parte de Portugal, a língua portuguesa foi imposta ao nosso país e, no que diz respeito ao português brasileiro, há ainda influência das línguas dos povos originários e dos povos africanos escravizados trazidos ao país.

Assim, além das dimensões continentais do nosso país, multiplicidade de culturas, influência dos povos indígenas, europeus e africanos, temos a particularidade de falar uma língua que não tem origem aqui, mas em Portugal. De modo que alguns aspectos do português brasileiro podem ser explicados a partir de sua origem latina, uma das razões para a execução do presente estudo, mais especificamente, centrado em uma classe gramatical, a preposição.

Sabe-se que as línguas se servem das classes de palavras, as quais constituem as orações e períodos, para melhorar a comunicação dos falantes e definir as palavras por suas funções. Sabemos também que essas classes podem ser variáveis e invariáveis. No português,

assim como era no latim, a preposição é uma classe invariável, isto é, que não pode mudar em gênero, número e grau. Porém, apesar dessa semelhança, as diferentes gramáticas conceituam-na de formas diferentes dependendo da abordagem. Nesse sentido, propomos neste trabalho a exposição de definições e conceitos desta classe, a partir de gramáticas de língua latina e de língua portuguesa. Considerando as diferentes abordagens que estas gramáticas podem apresentar, a fim de proporcionar um vislumbre de sua evolução e uso. Para tanto, objetivamos, além de apresentar os conceitos, analisar e identificar pontos de aproximação e distanciamento das definições e uso em ambas as línguas. Como também discutir conceitos presentes nas gramáticas latinas que podem ajudar na compreensão dessa classe gramatical na Língua Portuguesa.

Entendemos que a presente pesquisa pode proporcionar significativas contribuições aos entendimentos e estudos da língua portuguesa e sua evolução, a partir de teorias e gramáticas nas duas línguas. Uma vez que busca aliar pontos de aproximação entre a classe das preposições nas duas línguas para proporcionar um novo olhar para ela. Além disso, apresenta-se como uma contribuição intelectual aos estudos temáticos das gramáticas de língua portuguesa e latina. Esse aspecto pode proporcionar futuros interesses na linha de pesquisa em questão.

Quanto à metodologia, o presente trabalho explora sobretudo a pesquisa bibliográfica, uma vez que foi necessário fazer a busca por gramáticos da língua portuguesa e da língua latina. No intuito de analisar como é descrita a classe gramatical da preposição em cada uma, bem como estudos diversos que abordam a questão. Desse modo, inicialmente, faz-se um breve histórico da relação entre as duas línguas. Em seguida, analisamos o conceito de preposição nas obras *Arte menor* e *Arte maior* de Donato, relacionando-o com as gramáticas de Vitorino e Mário Plóti. Em seguida, apresentamos o conceito de preposição em gramáticas de língua portuguesa de diferentes abordagens gramaticais. Posto que, cada uma apresenta uma forma particular de compreender uma língua e abordam diferentes aspectos em função da necessidade de estudar os fenômenos. Neste sentido, uma gramática pode valorizar o aspecto descritivo e priorizar a descrição da língua tal como ela é falada, ou o aspecto histórico, e priorizar o percurso evolutivo da língua, ou o aspecto normativo, que prioriza o estudo da língua tendo em vista as normas e regras que regem o seu uso de forma padronizada. Assim, escolhemos um exemplar de cada abordagem, a saber, a *Gramática normativa da língua portuguesa* de Carlos Henrique da Rocha Lima (LIMA, 2011), com abordagem normativa, a *Gramática descritiva do português brasileiro* de Mário Perini (PERINI, 2016), com abordagem descritiva, e a *Gramática histórica da língua portuguesa* de Manuel Said Ali (SAID ALI, 1964), com abordagem histórica.

## 1 O CONCEITO DE PREPOSIÇÃO

Inicialmente, é importante apresentarmos a classe gramatical das preposições, para isso, lançamos mão de duas gramáticas de língua portuguesa, a *Nova gramática do português contemporâneo* de Cunha e Cintra (2016) e a *Novíssima gramática da língua portuguesa* de Domingos Paschoal Cegalla (2008). Para que possamos entender melhor nosso objeto de estudo e suas particularidades em relação às construções gramaticais na Língua Portuguesa. Segundo Cunha e Cintra (2016, p. 569), “chama-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE)”. Logo, essa classe de palavras é caracterizada pelo fato de unir dois termos ajudando a estabelecer uma conexão de sentido e dependência entre eles, de forma a interferir no sentido de uma construção frasal.

A princípio elas se destacam por serem palavras invariáveis, estão entre as classes de palavras como os advérbios, as conjunções e as interjeições, que não admitem variação nem em gênero, nem em número, ou seja, não possuem formas como feminino e masculino, nem plural. Em seguida, ela apresenta um aspecto sintático de estabelecer uma relação de dependências entre duas partes da oração, e, posteriormente, essa relação também proporciona caráter semântico, uma vez que o termo conseqüente explica ou completa o sentido do antecedente. Assim, podemos observar três características principais dessa classe de palavras, ser invariável e ter função sintática e semântica dentro de um texto.

Para Domingos Paschoal Cegalla “a preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relação de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.” (CEGALLA, 2008, p. 268), vemos que, além de relacionar termos, ela também estabelece relações de sentido do termo dependente com o termo principal mudando as circunstâncias da construção gramatical. Em seguida, apresenta em sua gramática uma conceituação mais restritiva “Preposição é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos (CEGALLA, 2008, p. 268).

Novamente, vemos atrelada à conceituação da preposição o caráter de ser invariável e o fato de elas apresentarem aspectos sintáticos e semânticos estabelecendo uma ligação entre termos. Ou seja, um lugar próprio na construção oracional, assim também como Cegalla as caracteriza com certos tipos de relação semânticas, como posse (como no exemplo “a motoci-



cleta **de** Cláudio era nova”), modo (como no exemplo “Trabalhemos **com** alegria) ou lugar (como no exemplo “Isabel mora **em** Niterói)” (CEGALLA, 2008, p. 268)<sup>3</sup>.

Notamos que as duas gramáticas apresentam conceituações parecidas em relação às preposições e seus usos na Língua Portuguesa, como o fato de certas preposições atribuírem sentidos diversos a depender do contexto. Por exemplo, na construção: “vou a São Paulo”, em que a preposição “a” indica uma circunstância de movimento de um lugar para outro, e “Estou a sua disposição”, em que o “a” indica um modo. Vemos que elas além de estabelecer a relação, dão significados diferentes sendo indispensáveis na relação do sentido da frase.

## 2 AS PREPOSIÇÕES NAS GRAMÁTICAS LATINAS

Como proposto nos objetivos desse trabalho buscaremos apresentar ao longo dessa e da próxima seção como é tratada a preposição nas gramáticas de Língua Portuguesa e na Língua Latina. Primeiramente, expomos como é definida essa classe de palavra na língua latina a partir de traduções de gramáticas a começar pelas *Arte menor* e *Arte maior* de Donato (DEZOTTI, 2011). Além de textos de Vitorino e Mário Plótió, que usaremos eventualmente neste trabalho apenas a título de reforço das ideias de Donato.

Das gramáticas latinas, usamos sobretudo as obras de Donato, *Arte menor* e *Arte maior* (DEZOTTI, 2011), escritas por volta de 350 d. C, e que serviram como base para várias gramáticas clássicas na Europa medieval. Élio Donato foi professor de gramática em Roma e pouco se sabe do resto de sua vida. Sua obra, no entanto, em razão do modelo gramatical proposto, mostrou-se melhor do que os anteriores a seu tempo, tornando-se objeto de prestígio que fez seu nome ser conhecido e citado por personalidades influentes de sua época.

A *arte menor* é o primeiro tratado, sendo constituído de oito capítulos com as partes da oração, “sobre o nome, o pronome, o verbo, o advérbio, o particípio, a conjunção, a preposição e a interjeição” (DEZOTTI, 2011, p. 15), os quais são apresentados de forma catequética, ou seja, por meio de perguntas e respostas normativas e memorizáveis. A *arte maior*, por sua vez, é a reunião de outros três tratados: no primeiro tratado, o gramático discute, em seis capítulos, acerca da voz, da letra, da sílaba, do pé métrico, do acento e da pontuação (DEZOTTI, 2011, p. 15); no segundo tratado, é apresentado novamente o conteúdo da *Arte menor*, todavia com mais abrangência e detalhamento; no terceiro tratado, são apresentados os vícios da oração e algumas figuras de linguagem sob a forma de virtudes.

---

<sup>3</sup>Grifos do autor.

Temos, na *Arte menor* de Donato, uma conceituação de preposição que nos ajuda a entendermos como ela atua nas construções de orações e palavras na língua latina, e com a qual podemos perceber a sentido de sua própria nomenclatura.

Preposição é o quê? É a parte da oração que, preposta às outras partes da oração, complementa, altera ou diminui a significação delas. A preposição tem quantos acidentes? Um. Qual? Somente caso. Quantos? Dois. Quais? Acusativo e ablativo. (Donati, *Ars Minor*, 600) (DEZOTTI, 2011, p. 90; 127)<sup>4</sup>.

Nota-se que o primeiro elemento destacado por Donato diz respeito à localização em que a preposição ocorre, ela se coloca quase sempre à frente<sup>5</sup> de outras partes da oração<sup>6</sup>. Esse aspecto sintático é primordial, dado que ele fica explícito no próprio nome da classe gramatical formada pela preposição *prae* (pré) + *positionio* (posição), demarcando que ela aparece em posição preposta ao termo ao qual se liga. Logo em seguida, além de apresentar uma ligação sintática, o gramático destaca o critério semântico, destacando que ela tem capacidade de completar, alterar ou diminuir a significação dos termos aos quais se liga.

Donato destaca ainda que a preposição tem apenas um acidente, isto é, apenas uma categoria de análise, a de caso, e rege apenas dois casos na língua latina, o acusativo e ablativo. Nesses dois casos, há preposições específicas para uso em cada uma. Como, por exemplo, *ad*, *circum*, e *intra* no acusativo, caso geralmente ligado à função sintática de objeto direto na oração, e *a*, *cum* e *de* no ablativo, caso comumente relacionado aos adjuntos adverbiais e à função do agente da passiva. No entanto, há preposições que tanto usam um caso como o outro, mudando assim o seu sentido na oração, é o caso de *in*, *sub*, *super* e *subter* (DEZOTTI, 2011, p. 128). A preposição *in*, por exemplo, quando rege acusativo tem a noção de que algo ou alguém vai, foi ou irá a determinado lugar; quando rege ablativo, por sua vez, tem indica que algo ou alguém está, esteve ou estará em determinado lugar.<sup>7</sup> O gramático

<sup>4</sup>Todas as traduções de Donato são de Lucas Consolin Dezotti (DEZOTTI, 2011) que por sua vez usa o texto latino da edição de Holtz (1981).

<sup>5</sup> Como afirma Dezotti (2011, p. 89) “é preciso reconhecer que há casos em que a preposição se pospõe, contrariando a razão e a arte, seja por eufonia (como *nobiscum*, dada a ‘necessidade de evitar o cacófono, pois dizer *cum nobis* é desagradável’), seja por necessidades métricas.

<sup>6</sup> As partes da oração corresponde às classes gramaticais.

<sup>7</sup>Dê as preposições de acusativo.

*ad, apud, ante, aduersum, cis, citra, circum, circa, contra, erga, extra, inter, intra, infra, iuxta, ob, pone, per, prope, secundum, post, trans, ultra, praeter, propter, supra, usque, penes*

Como? Dizemos: *ad patrem, apud uillam, ante aedes, aduersum inimicos, cis Renum, citra fórum, circum uicinos, circa templum, contra hostem, erga propinquos, extra terminos, inter naues, intra moenia, infra tectum, iuxta macellum, ob augurium, pone tribunal, per parietem, prope fenestram, secundum fores, post tergum, trans ripam, ultra fines, praeter officium, propter rem, supra caelum, usque Oceanum, penes arbitros*

Dê as preposições de ablativo.

*a, ab, abs, cum, coram, clam, de, e, ex, pro, prae, palam, sine, absque, tenus*

destaca ainda que algumas preposições só aparecem juntas a outras palavras, a saber, *di, dis, re, se, am* e *com*; enquanto outras não aparecem jamais juntas a outras palavras (*apud* e *penes*); e um terceiro grupo, por fim, que tanto podem aparecer juntas a outras palavras como sozinhas (do qual faz parte todas as outras preposições)<sup>8</sup>.

Como já afirmado, as definições apresentadas na *Arte menor* de Donato são iguais às da *Arte Maior*; esta, no entanto, contém mais detalhes em relação à formação de palavras a partir da união de preposições com palavras de outras classes gramaticais. Assim também como apresenta as mudanças morfológicas que podem ocorrer nesse processo de formação lexical, como podemos ver a seguir (*Donati, Ars Maior, 648-649*):

De fato, ou prepõe-se ao nome, como *inualidus*; ou prepõe-se ao pronome, como *prae me*, ou lhe sucede, como *mecum, tecum, nobiscum, uobiscum*; ou precede o verbo, como *perfero*, ou o advérbio, como *expresse*, ou o particípio, como *praecedens*, ou a conjunção, como *absque*, ou a si mesma, como *circumcirca*.  
As preposições dependem de casos ou de palavras, ou tanto de casos quanto de palavras. Paralelamente, ou se juntam ou permanecem separadas, ou tanto se juntam quanto permanecem separadas.  
As que se juntam são *di, dis, re, se, am, con*, pois dizemos *diduco, distraho, recipio, secubo, amplector, congregior*; as que permanecem separadas são *apud, penes*; todas as outras se juntam ou permanecem separadas. Dentre estas, as preposições *in* e *con*, se entrarem numa composição de modo que as letras *s* ou *f* venham imediatamente depois, em geral se alongam, como *insula, infula, consilium, confessio*. (DEZOTTI, 2011, p. 158)

Podemos notar que os gramáticos latinos consideram a possibilidade da preposição latina poder se juntar anteposta a várias outras classes de palavras, a saber, substantivos, verbos, advérbios, particípios, conjunções ou a elas mesmas. Mas também pode vir tanto preposicionada quanto pós-posicionada aos pronomes, fato que faz, segundo Donato, haver uma fuga da própria arte, que, no entanto, é usada para não ocorrer cacofonia ou para obedecer às regras

---

Como? Dizemos: *a domo, ab homine, abs quolibet, cum exercitu, coram testibus, clam custodibus, de foro, e iure, ex praefectura, pro clientibus, prae timore, palam omnibus, sine labore, absque iniuria, tenus pube*\*

\*que nós dizemos *pube tenus*.

Cite as preposições de dois casos: *in, sub, super, subter*. Quando *in* e *sub* dependem do acusativo? Quando o significado é que nós ou qualquer um vai, foi ou irá para o lugar. Quando do ablativo? Quando o significado é que ou nós ou qualquer um está, esteve ou estará no lugar:

— *in* com acusativo: “*itur in antiquam siluam*”

— *in* com ablativo: “*stans celsa in puppi*”

— *sub* com acusativo: “*postesque sub ipsos / nituntur gradibus*”

— *sub* com ablativo: “*arma sub aduersa posuit radiantia quercu*”

*Super* tem que valor? Quando significa lugar, depende mais do acusativo que do ablativo; quando fazemos referência a alguém, apenas do ablativo, como ‘*multa super Priamo rogians*’, isto é, *de Priamo*. *In* tem que valor? Depende ainda do acusativo quando significa “contra”, como *in adulterum, in desertorem*. E *subter* tem que valor? O mesmo dos exemplos anteriores que significam ‘para o lugar’ e ‘no lugar’. (*Donati, Ars Minor, 600-601*).

<sup>8</sup> “Quais são as preposições que dependem das palavras e não podem se separar? Estas: *di, dis, re, se, am, con*. Como? Pois dizemos *diduco, distraho, recipio, secubo, amplector, congregior*. Quais são as que não podem se juntar? Estas: *apud, penes*. Quais se juntam e se separam? Todas as outras.” (*Donati, Ars Maior, 649*)

métricas. Do mesmo modo, o gramático aponta as preposições que só podem aparecer justapostas a outras palavras, assim formando uma única palavra, como *recipio*. Mas também podem vir apenas colocadas à frente de uma palavra sem necessariamente está formando uma única palavra, como as preposições que antecedem os casos. Após discorrer novamente sobre a possibilidade das preposições se juntarem ou não a outras palavras, Donato acrescenta que essas preposições, cujas sílabas antes possuíam peso leve, se seguidas das letras *s* e *f*, em geral, alongam-se, isto é, tornam-se pesadas<sup>9</sup>.

Após citar essas informações relativas à fonologia das preposições no processo de formação de novas palavras, o gramático retoma a ideia dos acidentes já explanada na *Arte menor*, mas agora detalhando. Donato explica que as preposições têm como acidente, categoria de análise, apenas o caso, e que este pode ser apenas o caso ablativo e o caso acusativo<sup>10</sup>. Em seguida, cita novamente quais são as que regem acusativo e as que regem ablativo, bem como as que regem um e outro caso; depois acrescenta exemplos e explora a diferença de sentido entre ambos<sup>11</sup>.

Existe uma outra particularidade fonológica das preposições, como é apontado por Donato, o fato de, quando estão separadas das palavras ou casos, terem acento agudo, isto é,

---

<sup>9</sup>Na língua latina, a noção de peso silábico é pertinente e uma sílaba pode ser pesada se sua vogal for longa por natureza, ou se a sílaba for constituída por um ditongo ou se a sílaba for fechada, seguida de outra consoante que abra a sílaba posterior.

<sup>10</sup>“A preposição tem como acidente apenas o caso. E nas preposições os casos são dois, acusativo e ablativo, pois algumas prepoem-se ao acusativo, outras ao ablativo, outras aos dois.” (*Donati, Ars Maior*, 649)

<sup>11</sup>“As preposições de acusativo são estas: *ad, apud, ante, aduersum, cis, citra, circum, circa, contra, erga, extra, inter, intra, infra, iuxta, ob, pone, per, prope, secundum, post, trans, ultra, praeter, propter, supra, usque, penes*.

De fato, dizemos: *ad patrem, apud uillam, ante aedes, aduersum inimicos, cis Renum, citra forum, circum uicinos, circa templum, contra hostem, erga propinquos, extra terminos, inter naues, intra moenia, infra tectum, iuxta macellum, ob augurium, pone tribunal, per parietem, prope fenestram, secundum fores, post tergum, trans ripam, ultra fines, praeter officium, propter rem, supra caelum, usque Oceanum, penes arbitros*. Dentre elas, *ad* e *apud*, ainda que sejam de um único caso, são empregadas de modo diverso, pois dizemos *ad amicum uado, apud amicum sum*; de fato, não é correto dizer *apud amicum uado* nem *ad amicum sum*. Para muitos, *usque* não parece uma preposição, porque não pode ser pronunciada corretamente sem outra preposição.

As preposições de ablativo são estas: *a, ab, abs, cum, coram, clam, de, e, ex, pro, prae, palam, sine, absque, tenus*. De fato, dizemos: *a domo, ab homine, abs quolibet, cum exercitu, coram testibus, clam custodibus, de foro, e iure, ex praefectura, pro clientibus, prae timore, palam omnibus, sine labore, absque iniuria, tenus pube*. Esta última, porém, pospõe-se por causa da eufonia e faz ‘*pube tenus*’. A preposição *clam*, por sua vez, depende de ambos os casos.

As preposições dos dois casos são estas: *in, sub, super, subter*. Dentre elas, *in* e *sub* são de acusativo quando o significado é que ou nós ou qualquer outro vai, foi ou irá para o lugar; são de ablativo quando o significado é que nós ou qualquer outro está, esteve ou estará no lugar. São exemplos desta matéria: *in* com acusativo, ‘*itur in antiquam siluam*’; *in* com ablativo: ‘*stans celsa in puppi*’; *sub* com acusativo: ‘*postesque sub ipsos / nituntur gradibus*’; *sub* com ablativo: ‘*arma sub aduersa posuit radiantia quercu*’. *Super* e *subter*, por sua vez, embora naturalmente precedam o acusativo, muita vez se juntam também ao ablativo, como ‘*gemina super arbore sidunt*’ e ‘*ferre iuuat subter densa testudine casus*’. Ainda assim, muitos pensam que só duas preposições são ambivalentes, *in* e *sub*, e que *super* e *subter*, quando significam lugar, juntam-se ao ablativo de modo figurado. Fora dessa forma, a preposição *super*, quando significa *de*, isto é, quando se faz referência a algo, é apenas de ablativo, como ‘*multa super Priamo rogicans*’, isto é, *de Priamo*.” (*Donati, Ars Maior*, 649-651)

serem sílaba tônica e, quando juntas, terem acento grave, isto é, tornarem-se sílabas átonas<sup>12</sup>. Assim como o fato de as preposições poderem, morfologicamente, corromper palavras ou serem corrompidas por elas<sup>13</sup>. Desse modo, podemos ver como principal função das preposições, o fato de ela serem partículas que vem anteposta a outras partes da oração, sem isso, perdem a sua significação, valor e lei<sup>14</sup>. Por fim<sup>15</sup>, Donato destaca que preposições separadas não se ligam a preposições separadas, e que quando não acompanham nenhum caso, são consideradas advérbios<sup>16</sup>.

Outro gramático latino que podemos recorrer para entender as preposições é Vitorino, o qual, na sua *Arte gramática*, define a classe gramatical da seguinte maneira (*Vitorinus, Ars Grammatica*, 1.203-204)<sup>17</sup>:

O que é a preposição? É a parte da oração que preposicionada a outras partes da oração altera, aumenta ou diminui o significado delas, como em *describo* (descrevo), *praescribo* (prescrevo), *rescribo* (reescrevo). A quais elementos elas são antepostas? A casos e verbos, algumas apenas casos, outras apenas a verbos. Na verdade, daquelas que se unem aos casos, algumas regem o caso acusativo, outras o caso ablativo, e outras são comuns a um e outro caso. Quais unem-se ao acusativo? *Per, apud, adversum, ultra, contra* e outras, das quais algumas, mudado o acento, transformam-se em advérbio, uma vez que, quando é pronunciada com o acento grave, é preposição, como em ‘*ante focum, si frigus erit*’ (se fizer frio, ir para frente do fogo); quando, no entanto, é pronunciada com o acento agudo faz-se advérbio de tempo, como em ‘*ante quidem summa de re statuisse Latini.*’ O mesmo ocorre com a preposição *post*, quando dizemos ‘*post tergum*’ (atrás das costas); quando significa *postea* faz-se advérbio de tempo, como em ‘*post habui tamen illorum mea seria ludo.*’

Algumas dessas também são unidas aos verbos, *per, ad, trans, ante, circum, inter, post, ob*; pois dizemos *perlege, adfer, transvehe, antefer, circumfer, interveni, obduc, postpone*. Quais se unem ao caso ablativo? *A, ab, abs, e, ex, pro, prae, de*, e as demais. Algumas dessas, igualmente, ao mudar o acento transformam-se em advérbios. Por exemplo, a preposição *cum*, a qual, todas as vezes que estiver regendo um caso, é preposição, como em *cum duce* (com o comandante), *cum amico* (com o amigo); todas as vezes que estiver ligada ao verbo será advérbio como em ‘*cum venit aulaeis*’ et ‘*cum subit Aeneas concursu ascendere magno.*’<sup>18</sup>.

<sup>12</sup>Preposições separadas têm acento agudo; se unidas a casos ou palavras, frequentemente trocam seu valor e tomam-se graves. (*Donati, Ars Maior*, 651).

<sup>13</sup>As preposições ou corrompem as próprias palavras, como *conficio*, ou elas próprias são corrompidas, como *suffero*, ou tanto corrompem quanto são corrompidas, como *suscipio*. (*Donati, Ars Maior*, 651).

<sup>14</sup>Mas convém sabermos que as preposições só conservam sua lei quando estão prepostas; se pospostas, não mantêm nem sua significação nem o valor do seu nome nem sua própria lei. (*Donati, Ars Maior*, 651).

<sup>15</sup>Donato (*Donati, Ars Maior*, 651-652) afirma ainda que “Há quem julgue que a preposição tem ainda como acidentes figura e ordem; figura, porque há preposições simples, como *abs*, e compostas, como *absque*; ordem, porque há preposições prepositivas, como *sine*, e pospositivas, como *tenuis*. Mas nós contaremos estas e outras semelhantes entre aquelas que se denominam irregulares”.

<sup>16</sup>Preposições separadas não se ligam a preposições separadas, e fazem advérbios quando um caso não as acompanha. (*Donati, Ars Maior*, 651).

<sup>17</sup>Usamos o texto editado por Henrick Keil (VITORINUS, 1961).

<sup>18</sup>Tradução de Maria Ozana Lima de Arruda.

A definição apresentada aproxima-se da que vimos nas *Arte menor e maior* de Donato, na qual são apresentadas características morfológicas, sintáticas e semânticas da preposição. Fazendo influenciar diretamente na estrutura da palavra e, conseqüentemente, o primeiro sentido da classe gramatical.

No que tange à possibilidade das preposições perderem suas características essenciais e aparecem como advérbio, Vitorino o relaciona ao acento, isto é, quando a preposição possui acento agudo (sílabas átonas) é preposição, quando possui acento grave (sílabas tônicas) é advérbio, uma especificidade que vale tanto para preposições que regem o caso acusativo como o caso ablativo, ainda que não sejam todas.

Outra gramática de Língua Latina, a de Mário Plótio [M. Cláudio], define preposição da seguinte forma (*Marius Plotius, Ars Grammatica*, 1.428-429)<sup>19</sup>:

Preposição é a parte da oração que anteposta ao caso que rege mantém seu sentido, algumas vezes perde seu sentido se posposta, como em ‘*saeva sedens super arma*’, isto é ‘*supra arma*’, e ameniza seu sentido como em ‘*gemma super arbore sidunt*’, isto é ‘*supra geminam arborem*’; a preposição posposta em certa medida perde seu sentido. As preposições ou regem apenas o caso acusativo (singular e plural) ou os dois, isto é, acusativo e ablativo (também tanto no singular, quanto no plural). Se alguma preposição reger outro caso além de acusativo e ablativo, será advérbio, não preposição, como em ‘*cum Juno aeternum servans sub pectore*’, ‘*cum Iuppiter aethere summo Despiciens m.*’ e ‘*crurum tenus*’; ou em qualquer outra parte da oração, que não seja declinada em casos, como em ‘*cum dabit amplexus*’ e ‘*hac tenus arborum cultus*’. As preposições que regem acusativo, singular e plural, são 28: *ad, apud, ante, adversum, cis, citra, circum, circa, contra, erga, extra, intra, inter, infra, iuxta, ob, penes, per, prope, propter, praeter, post, pone, secundum, supra, trans, ultra, usque*. As preposições que regem ablativo, singular e plural, são 13: *a, ab, abs, cum, coram, de, e, ex, pro, prae, palam, sine, tenus*. As preposições que regem tanto o acusativo como o ablativo são 5: *in, sub, subter, super, clam*<sup>20</sup>.

Nessa definição, podemos notar que a preposição também é descrita de forma parecida com a de Donato, e afirma-se que se trata de uma parte da oração que pode antepor ou pospor um caso e, dessa forma, pode amenizar, manter ou modificar o sentido do termo regido e regem apenas os casos acusativo e ablativo. Quando estiver antecedendo outro caso além dos dois mencionados, ou qualquer outra parte da oração que não seja declinada, ela será um advérbio e não preposição.

Os três gramáticos exploram a possibilidade das preposições serem consideradas advérbios, ainda que cada um atribua isso a um motivo diferente. Para Donato, elas são consideradas advérbios quando não vierem acompanhadas por um caso. Para Vitorino, além da especificidade de vir sem o acompanhamento de um caso, o acento (a tonicidade) da

<sup>19</sup>Usamos o texto editado por Henrick Keil (MARIUS PLOTIUS, 1961).

<sup>20</sup>Tradução de Maria Ozana Lima de Arruda.

preposição é um dado que deve ser levado em consideração para que ela seja considerada como tal ou como advérbio. Mário Plótio destaca que, se a preposição estiver regendo outro caso além do acusativo e ablativo ou qualquer outra parte da oração, passará à condição de advérbio.

Como podemos perceber, de maneira geral, a preposição na língua latina está ligada a sua função na oração, a de estar anteposta a outra palavra para lhe modificar o sentido, seja a partir de uma justaposição ou apenas como ligação. No entanto, ainda existem preposições que podem estar pospostas aos casos a que regem, como podem acontecer com os pronomes, conforme apresentado por Donato. Tais características da língua latina foram herdadas por outras línguas como o espanhol, italiano e a língua portuguesa de Portugal, a qual usamos no Brasil desde a colonização.

### 3 AS PREPOSIÇÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA

As gramáticas são as norteadoras do padrão de uma dada língua e apresentam de forma particular a estrutura e o funcionamento desta. Nesse sentido, apresentamos agora as definições de preposição de acordo com três gramáticas de diferentes abordagens, uma descritiva, a de Mário Alberto Perini (PERINI, 2016), uma normativa, a de Carlos Henrique da Rocha Lima (LIMA, 2011) e uma histórica de Manuel Said Ali (SAID ALI, 1964).

Mário Alberto Perini é um gramático brasileiro da língua portuguesa, nascido em 1943. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutorado pela Universidade do Texas, atuou na área de teoria e análise linguística, e atualmente é professor emérito da universidade Federal de Minas Gerais. É autor da *Gramática descritiva do português brasileiro* (PERINI, 2016). Essa obra tem por objetivo descrever o português falado e põe em evidência a grande diferença da língua que é usada no dia a dia dos brasileiros. É a língua que é escrita no Brasil nas ocasiões formais, mostrando um abismo que divide as classes sociais, nas quais a língua padrão é, em grande maioria, prestigiada, usada por uma pequena parte escolarizada da população. Enquanto nas várias regiões brasileiras se fala o português com variantes adequadas aos contextos sociais.

Segundo sua gramática, a preposição é definida como “[...] uma palavra que se coloca antes de um SN [sintagma nominal] de maneira que a sequência resultante é um **sintagma adjetivo** ou um **sintagma adverbial**” (PERINI, 2016, p. 440). Assim podemos perceber, que segundo o gramático, a preposição conserva sua função desde as gramáticas latinas de vir unicamente anteposta as palavras, nesse caso de SN, ou seja, um nome ou substantivo. Além

disso, essa preposição pode modificar esse SN, fazendo-o ser de uma nova característica, que pode ser sintagma adjetivo ou adverbial. Isso pode ser percebido a partir do exemplo apresentado pelo gramático, “Tereza saiu sem uma palavra”, em que a preposição “sem” mais o sintagma nominal “uma palavra” caracterizam-se como “um adjunto com o papel temático de modo” da mesma forma que o advérbio silenciosamente poderia desempenhar. Como podemos observar, nas gramáticas latinas, já se observava uma relação entre a preposição e o advérbio, e podemos inferir que os falantes da Língua Portuguesa do Brasil continuam explorando tal relação, o que, no entanto, não é muito abordado pelos gramáticos.

Ainda podemos perceber que, segundo Perini (2016, p. 241) “algumas preposições são funcionalmente especializadas”, o que as fazem desempenhar, quando antepostas a sintagmas nominais, o papel de sintagmas adverbiais ou sintagmas adjetivos. Tal afirmação nos lembra, como vimos nos gramáticos latinos, que, na Língua Latina, há preposições específicas para os casos acusativo e ablativos, (que eram casos relacionados, respectivamente, ao nome e ao advérbio) ou para os dois casos, como acontece com a preposição *de*, que pode desempenhar as duas funções.

Por outro lado, a gramática de Rocha Lima aborda de maneira diferente. Carlos Henrique da Rocha Lima nasceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1915. O autor tornou-se doutor em Letras com título de livre docente em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. Sua abordagem gramatical parte da estrutura e funcionamento da língua enquanto norma ou padrão a ser seguido. Ela apresenta como a língua deve ser usada para aos falantes se adequarem e assim se tenha uma comunicação uniforme. Todavia, ela não exclui a existência de variantes da língua falada, assim como os estilos, gírias ou regionalismo, no entanto, não tem seu foco nessa condição.

Sua *Gramática normativa da língua portuguesa* define que “preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro — o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro” (ROCHA LIMA, 2011, p. 231). Sua classificação é muito parecida com as dos demais autores, no entanto, é muito mais conceitual e reduzida. Pois apresenta um conceito do que é a classe de palavras da preposição e alguns poucos exemplos básicos e apresenta as próprias preposições usuais na língua e suas definições.

Rocha Lima (2011) apresenta o breve conceito com o sentido primário de “subordinação” entre termos da oração. Para ampliar a sua definição, o autor recorre a outra gramática, a de Mario Pereira Souza<sup>21</sup>:

---

<sup>21</sup> Mário Pereira de Sousa Lima, Gramática portuguesa, 2a ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 38-9.



‘Em livro de Pedro, obediente a seus pais, moro em São Paulo, as palavras de, a, em ligam entre si os dois termos da frase, que vem respectivamente antes e depois delas. Essas palavras se denominam preposição. Os termos que precedem as preposições {livro, obediente, moro) chamam-se antecedentes; os que as seguem {Pedro, seus pais, São Paulo) chamam-se consequentes. Como se vê, a preposição mostra que entre o antecedente e o consequente há uma relação, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo.’ (ROCHA LIMA, 2011, p. 231)

A partir do exemplo, adiciona-se um novo dado que diz respeito a qualidade semântica da preposição, e não mais somente a qualidade sintática como é apresentada sumariamente em sua própria designação. Assim, a gramática de Perini traz como principal qualidade das preposições o fato de elas estabelecerem relações de sentido. Enquanto a de Rocha Lima destaca as relações sintáticas de dependência. Em Rocha Lima (2011) ainda é possível observar que, no que tange conceituação das locuções prepositivas, quando ocorre esse fenômeno, a última palavra será sempre a preposição, o que a caracterizará como locução prepositiva, diferenciando-se de uma locução adverbial, em que a preposição vem antecedendo o advérbio.

Rocha Lima faz uma separação entre as preposições, as intitulando como essenciais, (aquelas que vieram diretamente das preposições latinas), e acidentais (as que vieram e são formadas a partir dos advérbios). Todavia, o gramático não explora essa proximidade entre essas classes de palavra, e sua gramática atribui apenas um capítulo de três páginas para falar sobre as preposições.

Outra abordagem que podemos ter da língua portuguesa é a histórica, aqui representada por Manuel Said Ali. Nascido em 1861 na cidade do Rio de Janeiro, além de ser filólogo, também foi professor, lecionou alemão, geografia e inglês, também foi tradutor e gramático sendo considerado um dos melhores sintaticistas da língua portuguesa (FRIESS, 2022). A sua abordagem da gramática da língua portuguesa parte de uma análise histórica de sua evolução e uso tendo o início na língua latina e sua função atual no português do Brasil. Sobre as preposições, em sua *Gramática histórica da língua portuguesa* (SAID ALI, 1964), na primeira informação que aparece, ele afirma que:

Há pontos de contato entre os advérbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente advérbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjetivo ou também a advérbio e modifica-lo, desempenham as preposições papel análogo ao dos sufixos dos antigos casos oblíquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e também, ao infinitivo como forma nominal) para lhes acrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtém mais completamente e com mais clareza do que

era possível com os poucos casos oblíquos da declinação latina” (SAID ALI, 1964, p. 203)

Por ser uma gramática de abordagem histórica é dado mais destaque às relações que a preposição tem com a Língua Latina. O autor relaciona a preposição aos advérbios, como já foi visto que outros gramáticos também já fazem. Todavia traz outras informações a respeito, o fato em que, na própria Língua Latina, as preposições já terem sido da classe dos advérbios, deixando um pouco mais claro o fato de algumas preposições em construções frasais atribuírem circunstâncias junto a seus sentidos. Outro fato percebido, é que ela vem sempre anteposta a substantivos, pronomes ou formas nominais do infinitivo, ou seja, de qualquer forma, aparecem sempre antepostas a nomes ou outras classes que exerçam função própria dos nomes, da mesma forma que se observa na gramática de Mario Perini, que diz que elas se prepoem a sintagmas nominais.

Said Ali destaca também a possibilidade de a preposição vir na forma simples ou composta:

A preposição pode ser apresentada por um vocábulo ou por uma combinação de vocábulos: *sobre o outeiro, em cima do outeiro; em uma gaveta, dentro de uma gaveta; sob o domínio, debaixo do domínio*, etc. Havendo necessidade ou conveniência, diferenciamos as maneiras de exprimir umas das outras, reservando para as do segundo tipo o nome de locuções prepositivas (SAID ALI, 1964, p. 203)

Essa contribuição histórica na construção das preposições na língua portuguesa pode ser vista na maioria das gramáticas atuais, nas quais são abordadas as locuções prepositivas, nomeadas, na maioria dos casos, da mesma forma que a gramática histórica. Segundo Said “vieram-nos as preposições parte do idioma latino, que conhecemos através da literatura, parte dos românicos; outras foram tiradas de advérbios portugueses acrescentando-lhes a palavras *de*: *depois de, diante de, defronte de, em cima de*, etc. (SAID ALI, 1964, p. 203). Logo podemos perceber que as contribuições na formação das preposições não vieram exclusivamente do latim, sobretudo quando ele fala das locuções, mostrando que algumas vieram de advérbios portuguesas, fazendo-nos entender mais ainda a relação entre essas duas classes de palavras.

O autor apresenta ainda a evolução das preposições do latim que se transformaram ou permaneceram e influenciaram em nossa língua. Segundo Said (SAID ALI, 1964, p. 203),

Grande número das partículas usadas na língua mãe desapareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Passaram ao português: 1) sem modificação de forma, *ante, contra, de, per*; 2) alteradas, *ad*> *a*; *post*> *pós*; *cum*> *com*; *inter*>

*antre, entre; sine> sem; trans> trás; pro> por; secundum> segundo; in> en, em; sub> sob, so. De tenus viria, segundo alguns, ataa, até, té; segundo outros, filiar-se-ia esta partícula ao árabe hatta. (SAID ALI, 1964, p. 203)*

Segundo Said Ali (1964, p. 204), por exemplo, o *de* “exprimiu em latim a princípio afastamento no sentido ‘de cima para baixo’ [...]” logo, na língua latina o sentido era expresso pela própria declinação, o *de* tinha uma função e uso próprio, os quais foram perdidos na língua portuguesa e a preposição *de* passou a desempenhar várias funções e sentidos. Assim também como pode ser usado como prefixo dando sentido de desvio ou “aberração da linha reta”. (CALAZANS, 2007, p. 46).

Em seu uso, como propriamente preposição na língua portuguesa, segundo Poggio (2016, p. 2) “Em resumo, a preposição **de**, em português, passou a assumir as três noções do latim representadas pelas preposições **ab**, **ex** e **de** e mais a ideia de posse encontrada no seu sentido de base, que se exprime pela relação de subordinação de um substantivo a outro”, assim vemos que na gramaticalização para nossa língua, o *de* passou a assumir o sentido das demais preposições latinas, o que justifica sua multiplicidade de uso em construções de sentido em língua portuguesa.

Conforme vemos, alguns vocábulos se uniram a preposições latinas e se modificaram para formar novas palavras na língua portuguesa, sustentando a afirmação de Dezotti (2011) sobre a função das preposições na *Arte de Donato* na língua latina, “o gramático contempla não só a preposição propriamente dita, introdutória de uma palavra casual, mas também a preposição empregada numa função que atualmente atribuímos ao prefixo, isto é, entrando em composição com nomes e verbos [...]” (DEZOTTI, 2011, p. 89). Logicamente, na Língua Portuguesa, essas preposições passaram a desempenhar a função própria de prefixos como é o caso de *ad* (com sentido de aproximação ou direção) e também *ab* (com sentido de afastamento, separação) que também pode ser encontrada nas palavras: adjunto, advogado, abdicar e abster. (CAVALHEIRO, 2010).

O sentido usual permanece o mesmo, porém com nomenclatura e função modificada de uma língua a outra. Assim, em relação à função de antepor qualquer palavra como na primeira definição de Donato, o prefixo *Ad* e *Ab* também são preposições, pois estão antepostos a palavras e mudando seu sentido de maneira justaposta. No entanto, quando vistos a partir da modificação na língua portuguesa é entendido apenas como prefixo de palavras, pois segundo Junior (2002) a definição de preposição, de maneira geral, nas gramáticas em português “pode ser resumida como ‘palavras invariáveis que ligam dois termos, chamados de **antecedente** e/ou **regente** e **conseqüente** e/ou **regido**, em uma relação em que o primeiro

termo completa ou explica o sentido do segundo” (JUNIOR, 2002, p. 25). Logo, não havendo uma norma que a identifique de forma justaposta a outras palavras, somente se abrindo às locuções prepositivas em que outra palavra faz a função com outra preposição.

Podemos observar que na gramática histórica, como sua própria classificação já específica, a preocupação é mostrar a evolução dos vocábulos da língua portuguesa. Como apresentado, algumas preposições vieram sem perda fonética, já outra, sofreram modificações ao longo do tempo para que possivelmente se adequassem aos falantes e seus contextos. Em sua gramática histórica Manuel Said Ali dedica 14 páginas para discussão das preposições, destacando sobretudo as evoluções fonológicas, morfológicas e semânticas ocorridas ao longo dos séculos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da apresentação das três gramáticas, vemos que na língua portuguesa basicamente há uma uniformidade quando se trata da classe das preposições, pelo menos no sentido primário de prepor. No entanto, cada abordagem explora aspectos diferentes quanto à conceituação. Nas gramáticas normativas, que são as mais comuns nas escolas brasileiras, a preocupação é ensinar como é estruturada a língua e como ela deve ser usada. Na gramática descritiva, a maior preocupação está em descrever a língua que é falada, o que faz as preposições terem pouco espaço como na gramática de Perini. Por outro lado, a gramática histórica de Said é mais expositiva em relação a como os vocábulos chegaram a língua portuguesa.

Expostas as definições das preposições tanto na língua portuguesa como no latim, percebemos alguns pontos que a aproximam ou podem até justificar o uso na língua portuguesa. Muito disso se deve à própria herança do latim deixado no português. Todavia, algumas características do latim se perderam e outras permaneceram, da mesma forma que outras sofreram leves mudanças no seu uso.

A estratégia primária para nomear a preposição, que se apresenta na Língua Latina, permanece a mesma nas gramáticas de Língua Portuguesa, mudando de maneira sutil sua funcionalidade dependendo da abordagem gramatical, seja descritiva, normativa ou a histórica. De modo geral, como mostra Júnior (2002, p.20) “o reconhecimento e a definição da classe das preposições, tais como se encontra hoje nas gramáticas escolares, é produto da tradição gramatical greco-latina”.

Nesse sentido, entendemos como um ponto de aproximação que ficou entre as gramáticas das duas línguas o próprio sentido lógico da definição. No que diz respeito ao fato de anteceder os termos estabelecendo ligações entre eles, como vimos tanto nos gramáticos latinos como nos de língua portuguesa. Ainda que no latim seja explorado também o fato de que essa capacidade de ela se prepor possa acontecer de várias formas, por exemplo, na justaposição de palavras, em que uma preposição se junta a outra palavra a fim de criar uma nova. Tal fato pode ser percebido na Língua Portuguesa, uma vez que várias palavras, sobretudo verbos, são formados por meio da junção de preposição + raiz do verbo (abdicar, enterrar, discordar, por exemplo) o que, no entanto, não é abordado em nenhuma das gramáticas do nosso *corpus*, pelo menos quando tratam da classe gramatical preposição, nosso foco neste trabalho.

Nas gramáticas da língua portuguesa a própria maneira de definir as preposições se torna uniforme. São apresentadas pela lógica do seu significado de anteceder e ligar os termos, e seguem a certos critérios como sintáticos e semânticos, podendo vir classificadas como acidentais e essenciais e dispostas geralmente em quadros com as mais usadas. Seus exemplos são feitos a partir de seu próprio uso na língua e na literatura. (JUNIOR, 2002).

Desse modo, como podemos ver no que foi exposto partir da gramática histórica de Said Ali, algumas gramáticas como *Gramática normativa da língua portuguesa* (2011), de Rocha Lima, se assemelha a tradição de conceituação das gramáticas latinas, usando a lógica e uma conceituação de maneira mais memorizável em que se tenta presumir a eficiência em internalizar no leitor o sentido da classe de palavra, usando termos próprios e divisões usuais das preposições, assim também como é mostrado nas gramáticas latinas.

A partir da *Gramática descritiva do português brasileiro* (2016) de Mario Perini, podemos perceber uma maneira diferente de apresentar a preposição, menos presa às nomenclaturas e mais relacionadas ao seu uso na língua e nas atribuições diárias. Ela é tomada justamente por sua função de proporcionar uma mudança gramatical e semântica nas construções, podendo ter valor adjetivo ou adverbial, como também podemos notar nas gramáticas latinas, que seguem bem de perto a maneira de expor a classe gramatical adotada pela gramática de Donato. Nela vemos também que as preposições podem demonstrar papéis temáticos ou não, dependendo da construção e da situação, assim ela se apresenta de forma mais contextualizada, uma vez que visa a língua em seu uso no dia a dia pelos falantes.

A nossa Língua Portuguesa, por ser uma língua de origem românica, assemelha-se em muitos aspectos ao latim, assim como outras línguas que também derivaram dele. Mesmo que o português brasileiro seja constituído por uma miscigenação de culturas e línguas, como os

povos aborígenes e africanos, muito da estrutura do latim antigo, classificações e usos podem ser vistos na língua, sobretudo, quando tratamos de gramáticas de abordagem histórica e normativa. As próprias classes de palavras são nomeadas a partir da lógica herdada do latim, como o caso da preposição. O estudo comparativo das gramáticas nessas duas línguas, mostra-se muito significativo ao ensino, tanto da língua portuguesa e latina nas universidades, quanto para aos alunos nas escolas de ensino básico do Brasil. Logo, aprender sobre a língua latina é aprender sobre nossa própria construção linguística, o que pode nos proporcionar mais clareza.

## REFERÊNCIAS

- CALAZANS, I. M. **Processo de prefixação**: estudo de prefixos latinos provenientes de preposições e seus reflexos no português. Salvador - Bahia: (dissertação de mestrado) Universidade federal da Bahia, 2007.
- CAVALHEIRO, C. E. D. B. **(Reaprendendo o Português**: gramática, redação e literatura. Belo Horizonte: Cedic, 2010.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2016.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- DEZOTTI, L. C. **Arte menor e arte maior de Donato**: tradução, anotação e estudo introdutório. São Paulo: (dissertação de mestrado) Universidade de São Paulo, 2011.
- FRIESS, N. P. **Pronomes relativos na gramática histórica da língua portuguesa de Manuel Saïd Ali**. Niterói: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense., 2022.
- JUNIOR, E. D. **Preposicoes do português brasileiro**: um estudo frequencial. Curitiba: (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Paraná, 2002.
- MENDES, C. D. S.; MEDEIROS, N. R. D.; OLIVEIRA, T. S. D. O latim e o português; heranças lexicais. **Revista ícone**, v. 17, p. 88-99, Novembro 2017.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petropolis: Vozes (coleção de linguística), 2016.
- POGGIO, R. M. G. F. Aspectos da gramaticalização na história das preposições do latim ao português. **Revista do GELNE**, v. 4, n. 2, p. 1-7, 2016.

ROCHA LIMA, C. H. D. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.